

impressões dos Borges: A XILOGRAVURA DE BEZERROS





impressões dos Borges: A XILOGRAVURA DE BEZERROS

sala do artista popular

154

2009

S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

Ministério da Cultura
Ministro: Juca Ferreira
Programa Mais Cultura

REALIZAÇÃO

**Associação de Amigos do Museu de
Folclore Edison Carneiro**
Presidente: Lygia Baptista Segala P. Beraba

**Instituto do Patrimônio Histórico e
Artístico Nacional**
Presidente: Luiz Fernando de Almeida

Departamento de Patrimônio Imaterial
Diretora: Márcia Sant'Anna

**Centro Nacional de Folclore e
Cultura Popular**
Diretora: Cláudia Marcia Ferreira

**PARCERIA INSTITUCIONAL E
APOIO FINANCEIRO**

**Banco Nacional de Desenvolvimento
Econômico e Social**
Presidente: Luciano Coutinho

**Programa de Promoção do Artesanato
de Tradição Cultural - Promoart**
Coordenação técnica: Luciana Carvalho
Coordenação administrativa: Arnaldo Augusto Filho

Polo Xilogravura de Bezerros

APOIO LOCAL

Centro de Artesanato de Pernambuco
Diretora: Pollyanne Santos

apoio local

Centro de Artesanato
de Pernambuco

parceria institucional
e apoio financeiro



realização



CENTRO
NACIONAL
DE FOLCLORE E
CULTURA POPULAR



Cultura
Promoart



Sala do Artista Popular

RESPONSÁVEL

Ricardo Gomes Lima

EQUIPE DE PROMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Magnum Moreira, Marylia Dias e Sandra Pires

PESQUISA E TEXTO

Marcelo Mac Cord

PRODUÇÃO/PROMOART

Alexandre Pimentel

EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS

Lucila Silva Telles
Ana Clara das Vestes

DIAGRAMAÇÃO

Maria Rita Horta e Lígia Melges

FOTOGRAFIAS

Francisco Moreira da Costa

PROJETO DE MONTAGEM E

PRODUÇÃO DA MOSTRA

Luiz Carlos Ferreira

PRODUÇÃO DE TRILHA SONORA

Alexandre Coelho

I34 Impressões dos Borges : a xilogravura de Bezerros / organização de Marcelo Mac Cord. - Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2009.

36 p. : il. – (Sala do Artista Popular ; n. 154).

ISSN 1414-3755

Catálogo da exposição realizada no período de 5 de novembro a 6 dezembro de 2009

1. Artistas populares – Pernambuco. 2. Xilógrafos – Pernambuco. 3. Xilogravura. I. Mac Cord, Marcelo, org. II. Série.

CDU 7.071(813.4)

sala do artista popular

154 2009

S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesanato em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



O Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural – Promoart tem como foco o artesanato brasileiro de tradição cultural, ou seja, aquele que vem sendo produzido ao longo do tempo por diferentes grupos sociais e que tem como marca distintiva o profundo enraizamento na cultura local. Seu objetivo é, por meio do apoio direto aos grupos, promover o desenvolvimento desse setor da cultura e da economia brasileira, que, apesar de rico, permanece ainda pouco reconhecido e valorizado.

Estruturado a partir de um convênio entre a Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro e o Ministério da Cultura, integra o Programa Mais Cultura e realiza-se sob gestão conceitual e metodológica direta do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/ Departamento de Patrimônio Imaterial/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com a participação do Museu do Índio/Funai no que tange a grupos indígenas. Em todo seu escopo, conta com a parceria institucional e o apoio financeiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, e, nos planos regional e local, articula parceiros públicos, das esferas municipais e estaduais, e privados, além de organizações sociais.

Em sua fase de implantação, o programa abrange 65 polos distribuídos em todas as regiões do Brasil, os quais foram selecionados por especialistas dentre mais de 150 opções, tendo em vista a importância cultural e a alta qualidade de seu artesanato, além da variedade de

tipologias e técnicas envolvidas em sua produção. Ao longo de um ano, pretende beneficiar comunidades artesanais com investimentos diretos nas esferas de produção, comercialização e agregação de valor a produtos do artesanato brasileiro de tradição cultural.

Em diferentes estágios de organização, tais polos serão estratégicos para o estabelecimento das bases de uma política nacional de artesanato, a partir da qual o universo de abrangência do programa poderá ser progressivamente ampliado. Respeitando-se suas singularidades, em cada polo se desenvolverá um projeto específico, um plano de trabalho formulado com a participação de técnicos e artesãos, a partir de diagnósticos detalhados de suas potencialidades e necessidades, e da proposição conjunta de ações em busca da sustentabilidade econômica e social do artesanato.

LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA
Presidente do Iphan



Impressões dos Borges: a xilogravura de Bezerras

MARCELO MAC CORD

AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO CAMPO

Em Bezerras, durante a pesquisa para esta Sala do Artista Popular, percebi que os xilógrafos iniciam seus processos de criação diante de uma folha de papel em branco. Nela, Nena Borges, por exemplo, prefere desenhar coisas da natureza.

Givanildo, palhaços. Imaginação, observações cotidianas e experiências de vida inspiram os riscos feitos pelos artistas. Invertida, a figura é transferida para o taco de umburana ou louro-canela, que é cortado com estilete, lixado e transformado em matriz. Depois que o rolete cobre com tinta o carimbo, outra folha de papel em branco é colocada sobre ele. Primeiramente, um carrinho pressiona o material contra o taco; depois, uma colher de pau completa o trabalho. Assim, ficam impressas as xilogravuras, que revelam costumes comuns, práticas consagradas como tradicionais e imaginários coletivos.

Neste momento em que começo a escrever o texto da exposição, penso que esteja enfrentando desafios semelhantes





aos dos gravadores que entrevistei quando planejam a feitura de uma nova matriz. É sempre muito difícil imprimir pensamentos e sentimentos em folhas virgens.

Situado no agreste centro-oriental de Pernambuco, mais precisamente em uma microrregião do Vale do Ipojuca, o município de Bezerros tem 543km². O rio Ipojuca corta sua zona urbana, que é interligada por pontes, e o centro da cidade está a pouco mais de 400m acima do nível do mar, em uma superfície aplainada do maciço da Borborema. A BR-232 é uma importante rodovia que atravessa a localidade, permitindo que exista rápida e eficiente comunicação com importantes centros comerciais e culturais pernambucanos. Para chegar ao Recife, por exemplo, precisamos percorrer pouco mais de 100km. Por sua vez, 28km separam Bezerros e Caruaru. Segundo o Censo 2000, a maior parte dos seus quase 60.000 habitantes reside na zona urbana do município. A zona rural abriga somente 22,33% do contingente populacional.

À medida que mudamos nosso foco para o passado de Bezerros, os memorialistas pernambucanos afirmam que os primeiros contornos de um povoado surgiram no setecentos. Na ocasião, algumas casas haviam sido construídas em torno da capelinha de São José das Bezerras (Souto



Maior, 2005:43). O templo devotado ao santo patriarca foi a principal referência espacial e cultural que orientou o crescimento da nova localidade. Em 1870, entre outros fatores, o desenvolvimento econômico permitiu que o povoado fosse elevado à condição de vila. Em 1881, por fim, a vila conquistou a condição de cidade (*Idem*:83). No transcorrer do oitocentos, confirmando a crescente importância de Bezerros no cenário regional, foi construída sua atual e imponente Igreja Matriz de São José, erguida sobre os alicerces daquela primeira edificação.



É curioso observar que São José, padroeiro de Bezerros, é citado nas *Sagradas Escrituras* como um indivíduo que labutava na carpintaria. Na história do Brasil, tal referência foi muito importante para a construção de certas formas de sociabilidades. Por exemplo, no período em que as corporações de ofício vigiam, antes da outorga da Constituição de 1824, as irmandades embandeiradas¹ que cultuavam o Santo Carpinteiro congregavam e auxiliavam os mais diversos artífices que trabalhavam com a madeira. As fontes indicam que elas foram instituídas, entre outros lugares, em cidades como Recife, Rio de Janeiro e Salvador (Mac Cord, 2009:23-24). A partir dessas constatações, é possível sugerir, poeticamente, que o principal santo de devoção dos bezerrenses tenha alguma simpatia pelos xilógrafos da cidade, por conta de afinidades profissionais. Ao menos, a partir da segunda metade do século 20, parece que, magicamente, as coisas tenderam a confluir nessa direção, favorecendo especialmente os Borges.



O MESTRE J. BORGES

Dentre os principais xilógrafos que trabalham com engenho e arte na cidade de Bezerros, transformando pedaços de umburana e louro-canela em carimbos de suas próprias almas, destaco J. Borges. Nascido em 20 de dezembro de 1935, o bezerrense José Francisco Borges é filho dos agricultores Maria

Francisca da Conceição e Joaquim Francisco Borges. Em sua infância, como a maior parte de seus contemporâneos que viveram no interior, o artista auxiliou seus pais nos afazeres da roça. Na adolescência, passou a tecer cestas e balaio, que vendia nas feiras da região para ajudar a família.

Foi a partir desses espaços de sociabilidades que o jovem pernambucano travou seus primeiros contatos com a literatura de cordel. Segundo J. Borges, embora sua vivência escolar tenha sido pequena, era suficientemente alfabetizado para ler e reler os folhetos que chegavam às suas mãos.

Sobre sua escolaridade, o xilógrafo afirma: “eu não aprendi, tenho apenas dez meses de escola, por causa do Papa-Figo”, assombração que atemorizava várias famílias, atrapalhando algumas tarefas cotidianas.

Da época em que travou os mais íntimos contatos com a poesia popular até quase completar 21 anos, José Francisco Borges trabalhou em serviços mais pesados: vendeu sua mão de obra às usinas de açúcar, enformou tijolos em olarias e fabricou objetos de madeira, como brinquedos e móveis.

Em meados de 1956, depois de juntar com muito sacrifício uma pequena quantia, viajou para o Recife para realizar um velho sonho. Na capital, comprou um considerável número de folhetos de cordel, para revendê-los nas feiras que sempre frequentava. Depois do audacioso empreendimento, o filho de Maria e Joaquim dividiu suas atividades profissionais entre a revenda de literatura de cordel e os canteiros de obras, onde realizava as funções de carpinteiro, pedreiro e pintor. Nas horas de possível descanso, José Francisco Borges começava a escrever seus próprios versos, desejando, um dia, sobreviver exclusivamente da poesia popular.

J. Borges conta que tomou coragem para publicar seus próprios escritos apenas em 1964. O primeiro folheto foi ilustrado por Dila, respeitado artista de Caruaru, e fez



muito sucesso.² A partir daí, “como autodidata”, o mais novo poeta popular resolveu riscar e cortar suas próprias xilogravuras. É possível afirmar que, neste momento, J. Borges conquistou completa autonomia artística. Segundo Idelette Muzart Fonseca dos Santos, “no folheto de cordel [...] imagem e palavra estão em estreita correlação e participam de um mesmo conjunto, perfazendo uma mesma unidade poética” (1999:213).

Para além da simples ilustração de sua própria produção literária, as xilogravuras do bezerrense também caíram no gosto de outros cordelistas. As encomendas de matrizes permitiram que o nome de J. Borges circulasse de forma mais intensa junto de seus pares e ganhasse alguma visibilidade nos meios acadêmicos pernambucanos, que voltavam sua atenção para o que era considerado “cultura popular”.

No início da década de 1970, Ariano Suassuna, que militava no Movimento Armorial, procurou construir laços com J. Borges (dentre outros artistas das classes subalternas, considerados tradicionais). Na oportunidade, para definir a arte armorial, o intelectual escolhia elementos das chamadas culturas populares como referência estético-conceitual. Os saberes e vivências culturais do cordelista e xilógrafo bezerrense eram muito importantes para o pensador paraibano, que buscava nos “folhetos e romances da literatura popular do Nordeste” uma resposta para o “o problema da identidade cultural brasileira” (Santos, 1999:34). Em nossa conversa, J. Borges comentou sobre a importância de Ariano Suassuna para sua carreira: o dramaturgo teria sido o grande responsável pela projeção nacional de seu nome e de sua arte.

Outras memórias de J. Borges revelaram mais impressões sobre o caminho que a xilogravura de Bezerros precisou percorrer, na década de 1970, para conquistar amplo reconhecimento social. No bojo das trocas simbólicas entre o pensador erudito e o poeta/gravador popular, dois outros acontecimentos foram de suma importância para a consolidação daquela trajetória. O primeiro, a aproximação do bezerrense com Bráulio Nascimento. O folclorista comprou uma série de gravuras do artista, que investiu



o dinheiro na aquisição de uma velha máquina impressora, para que pudesse produzir seus próprios folhetos e de outros cordelistas com maior autonomia e margem de lucro. O outro acontecimento foi uma bem-sucedida exposição em Brasília, quando J. Borges afirma ter ficado “mais conhecido que açúcar e farinha”. A partir daí, o artista concluiu que de fato “não sou peão, sou poeta”; assim, suas outras ocupações profissionais foram efetiva e definitivamente abandonadas.



Nos últimos trinta anos, J. Borges fez diversas exposições nacionais e internacionais, recebeu homenagens públicas, foi objeto de pesquisas acadêmicas, ganhou diversas premiações artísticas e amealhou algum capital. Há alguns anos está muito bem instalado no amplo “Memorial J. Borges”, ateliê localizado às margens da BR-232, onde recebe muitas visitas de estudiosos e consumidores de sua produção. Recentemente, por conta de sua relevância cultural, o xilógrafo ganhou o honroso título de “Patrimônio Vivo de Pernambuco”, concedido pela Lei Estadual nº 12.196, aprovada em



2 de maio de 2002. A Lei de Registro do Patrimônio Vivo objetiva tanto preservar as ditas manifestações populares e tradicionais da cultura pernambucana, quanto permitir que os artistas repassem seus conhecimentos às novas gerações de alunos e aprendizes. Como incentivo, uma pensão vitalícia é oferecida aos contemplados.

Apesar de tamanho sucesso, é evidente que obstáculos continuaram surgindo na caminhada de J. Borges. A partir da década de 1960, paulatinamente, a literatura de cordel perdeu espaço simbólico para as novas mídias





(os especialistas apontam sobretudo para a supremacia da televisão).³ Desde então, segundo o xilógrafo, “como o cordel está caído”, foi preciso inventar novos suportes para suas gravuras, para que outras possibilidades de venda de seu trabalho fossem criadas. Em especial, no

transcorrer dos últimos 15 anos, os desenhos passaram a ser transportados para as telas de serigrafia. Novos produtos receberam a reprodução das gravuras consideradas tradicionais e conquistaram novos consumidores. Entre os artigos de maior aceitação estão as camisas, azulejos envernizados e diversos tipos de caixas feitas de MDF, fibra de madeira de média densidade. Para satisfazer o pedido de algumas clientes, J. Borges passou também a colorir suas matrizes, reproduzindo no papel gravuras policromáticas.

No tempo, é bastante interessante observar que o uso das xilogravuras extrapolou os limites dos folhetos,

o que vem instituindo um novo sentido para o uso das gravuras. Dessa maneira, a chamada tradição é tensamente reinventada em Bezerros. A fala de J. Borges deixa claro que, apesar da “modernidade” de seus produtos, existe o cuidado para que os motivos neles impressos mantenham uma legitimidade fundamentada no passado. Em meio às transformações que se processam no mercado das xilogravuras, outro elemento que dá visibilidade às tensões entre “tradicionalismo” e “modernidade” é o uso do MDF para



a feitura de matrizes, por causa de sua maciez. J. Borges afirma que o material permite impressões muito nítidas, o que cativa “compradores feitos pela mídia, pela televisão”. Entretanto, os que conhecem a “verdadeira” arte preferem os desenhos que são oriundos de matrizes feitas de umburana ou louro-canela, que demonstram “os riscos e as falhas da madeira”.

A VIDA E ARTE DE ALGUNS FILHOS DE J. BORGES



Como em outros casos brasileiros, J. Borges iniciou alguns de seus dezoito filhos (naturais ou não) na aprendizagem de suas técnicas de gravação. Um deles é José Miguel da Silva, enteado que nasceu em 13 de janeiro de 1962. Conhecido artisticamente como J. Miguel, o xilógrafo afirma que, quando criança, enquanto arrumava os tipos na gráfica da família, gostava de observar seu pai trabalhando com madeira. Incentivado por sua

mãe, aos dez anos riscou alguns desenhos e cortou suas primeiras matrizes em pequenos tacos de umburana. Segundo ele, os temas abordados na época em que era menino dialogavam com seu cotidiano infantil (jogo de bolinhas, avós na roça, etc.).

Aos 13 anos, ou seja, pouco tempo depois de cortar suas primeiras matrizes, José Miguel da Silva começou a frequentar as feiras regionais onde seu pai comercializava a produção literária que vinha sendo impressa em máquina recentemente comprada. As técnicas de venda dos cordéis encantavam e seduziam o jovem aprendiz. Segundo J. Miguel, seu pai e Joel Borges (que são primos) recitavam os folhetos para o grande público que se concentrava a sua volta. No momento em que as histórias contadas chegavam ao clímax, eles encerravam a apresentação. Como omitiam propositalmente o desfecho da poesia, “o povo ficava curioso e logo comprava”. Em nossa





conversa, emocionado, J. Miguel sublinhou que seria um eterno “estagiário de J. Borges”, seu “professor e mestre”, de quem “ainda hoje depende da luz”.

É compreensível toda a gratidão de J. Miguel àquele que o criou. Desde que J. Borges abriu seu Memorial, deixou o antigo ateliê para alguns de seus filhos. Às margens da BR-232, o enteado do mestre expõe seus trabalhos na Casa de Cultura Serra Negra – ateliê de J. Borges. Vale destacar que outros dois filhos de J. Borges estão instalados no mesmo espaço, onde tocam a Gráfica e Serigrafia Borges.

Ariano (nome dado em homenagem a Suassuna) é o responsável pela gráfica, que, além de realizar todos os tipos de serviços comerciais, também reproduz os cordéis do patrono da família. George responde às demandas da serigrafia. J. Miguel utiliza o espaço de exposição para vender diversos tipos de produtos, nos quais conseguiu reproduzir sua arte, entre eles, camisas, bolsas, vestidos e caixinhas de MDF. A aplicação das gravuras nos azulejos e seu posterior envernizamento são feitos na Cohab, onde reside e mantém um compressor.

Seguindo os passos do mestre J. Borges pelas searas do reconhecimento social, os trabalhos de J. Miguel foram expostos em algumas cidades do Brasil e nos EUA. Além





de comercializar sua arte na Casa de Cultura Serra Negra, o xilógrafo também vende seus produtos em algumas barracas da Feira de Caruaru, no Centro de Artesanato de Pernambuco (localizado em Bezerros, o espaço está ligado à Secretaria de Desenvolvimento Econômico do governo estadual) e em lojas do Recife, Olinda e Rio de Janeiro. O artista apenas lamenta o atual desinteresse de seu filho pelo ofício, que apenas demonstrou algum entusiasmo pelo risco, corte e impressão durante a infância. Hoje, com 17 anos, o rapaz continua seus estudos formais e pretende exercer uma profissão socialmente reconhecida, ou seja, considerada de “nível superior”.



agosto de 1968. Na infância, afirma ele, não queria nada com os estudos, apesar do apoio da família, ou com a arte da impressão. Na época, em troca de um pagamento mensal, apenas cortava alguns desenhos feitos por seu pai. O interesse em aperfeiçoar sua técnica e fazer da xilogravura profissão teria surgido quando Manassés Borges tinha 17 anos, após uma importante exposição de J. Borges. Na oportunidade, tomou o devido conhecimento da importância da arte e do mestre. Assim, aos 25, segundo seu relato, começou a ganhar projeção, passando a distribuir seu trabalho para algumas lojas.

Manassés José Borges é outro rebento de J. Borges que faz e sobrevive das xilogravuras. Seu nome faz referência ao famoso cordel “Manassés e Mari-li”, sendo que o segundo foi o nome dado a uma de suas irmãs. Filho mais velho da terceira mulher do patriarca, Manassés Borges nasceu em 22 de



Há algum tempo, Manassés Borges também conseguiu montar um ateliê próprio às margens da BR-232. Antes disso, contudo, em condomínio com seus irmãos, ocupou um espaço na Casa de Cultura Serra Negra. Não muito diferente de seus familiares, sua produção é diversificada. Além do papel, vários tipos de produtos têm suas xilogravuras: caixinhas de MDF, camisas, bolsas, bonés, ímãs de geladeira e calendários. Os azulejos são pintados, envernizados e secos no fundo do ateliê. Junto da arte de Manassés Borges, sua esposa também expõe e vende outros tipos de artesanatos, feitos por ela própria ou adquiridos no Alto do Moura, em Caruaru⁴.



Além disso, as viagens, oficinas e palestras que Manassés Borges faz ainda lhe rendem boa publicidade e viabilizam algumas encomendas. Recentemente, a Petrobras fez um pedido para que algumas caixas de MDF fossem cortadas de forma similar às matrizes, para que pudesse presentear seus mais graduados funcionários.



Em 29 de agosto de 1978 nasceu Ivan Marquete Borges, outro filho de J. Borges que achou conveniente seguir seus passos. O nome dado ao menino foi uma homenagem ao artista plástico Ivan Marquetti, amigo do mestre xilógrafo. Ivan Borges, como é conhecido, ainda busca consolidar seu nome na arte que consagrou seu pai. Assim como o irmão J. Miguel, quando criança fez suas primeiras matrizes com tacos de umburana. Naquele tempo, na gráfica da família, ajudava a imprimir, dobrar e encapar os folhetos de cordel que eram produzidos.

Aos 13 anos, viajava sozinho para as cidades da região e vendia poesias nas feiras. Aos 16, teve seu primeiro filho, o que alterou profundamente os rumos de sua vida. Em 1996, com 18 anos, largou o aperfeiçoamento no ofício da xilogravura e foi com sua nova família morar em São Paulo, onde exerceu a função de caseiro por dois anos. Ao retornar para Bezerros, comprou uma casa no bairro mais central de São Pedro e retomou a antiga parceria com J. Borges.

Em nossa conversa, Ivan Borges afirmou que por volta de 2006, com três filhos, tomou uma importante decisão: “soltei a mão de meu pai para desenvolver meu trabalho”. Até então, o xilógrafo trabalhava no ateliê de J. Borges e, com ele, fez viagens para os EUA, Suíça, França e



Áustria. Agora, por mais que seus produtos cheguem a Aracaju (“aeroporto e uma loja”), Natal, Caruaru (“duas lojas”), Recife (“há coisas na Casa da Cultura”), Olinda e São Paulo (“não sei onde”), a autonomia profissional gerou alguns reveses. A falta de um ateliê próprio e o trabalho em casa trazem muitos problemas. Entre eles, o cheiro do verniz, que incomoda muito a família, a exposição precária dos produtos e a falta de comodidade para atender os clientes. Atualmente, o sonho de Ivan Borges é conseguir um bom lugar de trabalho na BR-232, o que faria com que



pudesse deixar também de utilizar os serviços de serigrafia que contrata junto à Casa de Cultura Serra Negra.

No tocante à produção, Ivan Borges faz produtos muito semelhantes aos de seu pai e irmãos, mas faz uma advertência: “tem que fazer novidade!” Nesse sentido, elaborou uma espécie de caixa para armazenar gelo e um porta-canetas, por exemplo. Ele e sua esposa ainda tentaram colocar brilho nas gravuras que estampam as camisetas. Entretanto, segundo seu relato, os consumidores preferem a originalidade do preto sobre o branco e, embora tenha simpatia pelas “moderniza-

ções”, suas matrizes prediletas nos remetem ao mundo do forró pé-de-serra e à vida no campo.

Ivan Borges também fica um pouco chateado quando seu filho mais velho, hoje com 15 anos, troca os estiletos e os tacos de umburana ou louro-canela pelo computador e outras diversões eletrônicas. Mais uma vez, é muito interessante observar como os Borges vêm transitando pelas provisórias fronteiras que pretendem delimitar “tradicionalismo” e “inovação”.

OUTRAS MATRIZES DA FAMÍLIA BORGES

À exceção da descendência de J. Borges, vimos que Joel Borges, seu primo, escreveu folhetos de cordel e produziu xilogravuras. Amaro Francisco, irmão do mestre bezerrense, falecido há pouco mais de três anos, quando tinha 66, também deixou importante legado xilográfico. Suas matrizes estão com a viúva, Graciete Correia Borges, 62 anos. Ela continua a imprimir, divulgar e comercializar a obra do marido. No transcorrer de sua vida ma-



trimonial, o casal concebeu oito filhos, sendo que somente dois deles decidiram dedicar seu tempo ao ofício de xilogrador. Entretanto, ambos também estão comprometidos com outras atividades profissionais. Além de artesão, Severino Borges possui uma loja na Casa da Cultura do Recife. O artista, contudo, reside em Olinda. Silvio Borges, que vive em Bezerros, também desenha, corta e imprime, mas possui emprego público de policial.

Apesar de cuidar dos afazeres domésticos e de sua família, é preciso destacar que Graciete Correia Borges também é uma importante xilógrafa bezerrense. Conhecida no circuito artesanal como Nena Borges, a mulher de Amaro Francisco nasceu em 19 de agosto de 1947. Segundo ela, o aprendizado da arte da impressão começou há quarenta anos, quando cortava os desenhos que eram feitos por seu esposo. Os trabalhos autorais começaram a ser feitos dez anos depois. Por este motivo, Nena Borges acredita que seja a primeira mulher brasileira a criar suas próprias xilogravuras. Na longa carreira, é curioso



observar que a artista somente tenha feito dois ou três clichês para estampar as capas dos folhetos de cordel. Talvez, o fato seja compreendido a partir da profunda masculinização que marcou a história tanto das folhetarias, quanto da literatura popular nordestina.

Com o passar do tempo, e seguindo uma tendência de mercado, Nena Borges resolveu diversificar sua produção artesanal, pois “estava difícil vender [as gravuras] no papel”. A xilógrafa afirmou que, “por ideia própria”, começou a estampar camisas há mais de dez anos. Pouco tempo depois,



foram incorporadas ao seu rol de produtos as bolsas de pano, que trazem reproduções de matrizes suas e de Amaro Francisco. Até hoje, conta, ambos os artigos têm muita saída. Os azulejos decorativos também são impressos pela artesã, mas, diferentemente dos outros xilógrafos, que envernizam as peças com compressores, Nena Borges consegue queimá-los no Recife. Para realizar este procedimento bastante dis-



pendioso, ela conta com a ajuda do filho Severino Borges, que ainda vende parte da produção em sua loja, na Casa da Cultura do Recife. Outros pontos de venda utilizados pela matriarca são a Feira de Caruaru e o Centro de Artesanato de Pernambuco.

Nena Borges comentou que nunca expôs suas obras ou recebeu quaisquer convites para divulgar sua arte em outros estados ou países. Com certo grau de tristeza, reclamou que poucos pesquisadores têm interesse em sua história. Entretanto, a artesã continua a trabalhar com entusiasmo no



pequeno ateliê de sua casa, localizada no bairro mais humilde de São José. O local onde cria seus desenhos, por exemplo, costuma ser frequentado depois do término das novelas.

Embora Nena Borges reclame de sua pouca visibilidade, na parede de sua sala encontramos um pomposo certificado. Em 12 de junho de 2007, a Diretoria de Tecnologia da Informação da Presidência da República lançou um Portal Intranet em homenagem ao paraibano Ariano Suassuna e aos cem anos da xilogravura na literatura de cordel. Nena Borges foi a responsável pela ilustração da mídia que foi encomendada pela Casa Civil.

Amaro Francisco e J. Borges tiveram uma irmã chamada Maria. Em 8 de julho de 1962, a mulher deu à luz um menino, que foi batizado como Givanildo Francisco da Silva. Aos 12 anos, o jovem foi trabalhar como impressor na gráfica de seu tio mais famoso. Nos sete anos em que esteve por lá, o neófito também foi iniciado nos processos produtivos da xilogravura, cortando os desenhos do mestre.



Em 1981, quando encerrava seu ciclo como funcionário de J. Borges, Givanildo Francisco da Silva fez seu primeiro desenho e assinou uma matriz. Naquela oportunidade, o filho de Maria tinha 19 anos. Ao recordar dos primeiros passos de sua trajetória, Givanildo, como é conhecido artisticamente, relatou a importância de J. Borges em sua formação. Entretanto, fez questão de frisar: o parente “nunca pegou em minha mão”, ou seja, Givanildo em nenhum momento deixou de primar por sua autonomia na prática do ofício.



Em boa parte da década de 1980, para garantir seu sustento e de sua família, Givanildo Francisco da Silva trabalhou como pedreiro; nos sábados e domingos, riscava, cortava e imprimia suas gravuras. Em 1984, em especial, vendeu “cento e poucas” matrizes para o Museu do Homem do Nordeste, localizado no Recife. Apesar de seu nome conquistar paulatina respeitabilidade pública, era muito difícil sobreviver de sua arte em Pernambuco.

Em 1993, Givanildo migrou para a cidade de São Paulo com o sonho de melhorar sua sorte profissional. Durante os chamados dias úteis, trabalhava em uma indústria química e fazia xilogravuras. Nos finais de semana, quando apareciam serviços na construção civil, o sobrinho de J. Borges batia ponto nos canteiros de obras e colocava a mão na massa. Onze meses depois dessa extenuante experiência, Givanildo resolveu retornar para Bezerros, sua cidade natal.

O talentoso filho de dona Maria afirmou que, logo após sua volta a Pernambuco, houve uma expressiva reviravolta



em sua carreira de xilogravador. Além de receber convites para participar de diversas exposições e oficinas, também colocou sua arte em novos suportes, medida que aumentou consideravelmente o volume de suas vendas. Desde então, “a vida melhorou muito”, segundo ele.

Em 2002, por conta de seu maior sucesso profissional, vendeu uma casa que tinha no centro de Bezerros, comprou um terreno na BR-232 – “a estrada ajuda a divulgar o trabalho, por causa do trânsito” – e iniciou a construção de seu ateliê. “Comecei a obra devagarzinho. Ser pedreiro ajudou.” Na empreitada, o filho único foi seu assistente. Em 2004, uma grande venda de matrizes para o colecionador Paulo Vasconcelos permitiu que melhorias fossem feitas no Ateliê Imaginário Nordeste. Na sequência, Givanildo adquiriu outro terreno, que margeava seu espaço de trabalho. O projeto era expandir suas instalações.



No tempo presente, de forma ainda improvisada, o xilógrafo utiliza a propriedade recentemente adquirida para serrar suas matrizes, empregando especialmente o maquinário que possui para fazer molduras de MDF, onde aplica os azulejos decorativos que produz. Em concorrência às vendas no ateliê, todos os seus artigos são comercializados na Casa da Cultura do Recife, no Centro de Artesanato de Pernambuco, em lojas de Porto de Galinhas, no Mercado São José (conhecido centro de comércio popular do Recife, localizado em bairro de mesmo nome) e no Aeroporto Internacional dos Guararapes.



Vale ainda sublinhar que, atualmente, o filho de Givanildo é técnico de segurança do trabalho, e, mesmo que não crie desenhos ou corte os tacos de umburana ou louro-canela, vez ou outra ajuda o pai com as impressões. Além disso, o artista lembrou, orgulhoso, que seu neto de seis anos é “muito inteligente, desenha e pega na faca como uma caneta”.

Dentre os Borges, Givanildo se destaca pela capacidade de articulação. É o único artista da família que compõe a Associação de Artesãos de Bezerros. Em 2001, com o patrocínio da Comunidade Solidária, foi a Campinas para divulgar a arte que se confunde com a história de sua família.⁵ Para explicar esta identificação, “dá todo o crédito ao tio J. Borges, mas sem ofuscar os outros”.

Nas oficinas do programa, também ensinou alguns segredos de seu ofício aos próprios bezerrenses, orientando seus alunos a riscar e cortar matrizes no MDF, por conta de sua maciez, baixo custo e grande oferta. Entretanto, para realizar seu trabalho artístico, rejeita o material, que considera ruim. Como a fibra de média densidade absorve muita umidade, logo deforma. Portanto, não pode ser lavada como os tacos de madeira que costuma utilizar. Ainda focado na problemática dos insumos, Givanildo reclama da falta da

umburana no mercado, porque está em extinção. Como medida de proteção, o Ibama tem dificultado seu corte.

AS IMPRESSÕES QUE FICAM



Como pudemos observar, a xilogravura de Bezerros e a produção dos Borges mantêm uma profunda relação dia-

lética. Um simples argumento reforça tal afirmativa: sempre encontramos dificuldades para isolar a identidade cultural daquele município pernambucano da arte que é executada pela família. No *site* da prefeitura de Bezerros, por exemplo, encontramos o brasão da cidade junto da xilogravura dos Borges (o carnaval e as máscaras do papangu também aparecem associados ao símbolo).⁶

É também dialética a própria produção dos Borges. Por mais que percebamos algumas diferenças estilísticas e determinadas preferências temáticas na arte de cada um dos xilógrafos, as suas obras possuem marcas estéticas e socioculturais comuns. Portanto, quando analisamos as impressões feitas por J. Borges e as de seus parentes, nos deparamos tanto com a unidade na diversidade, quanto com a diversidade na unidade.

Em Bezerros, outra questão muito importante que permeia a xilogravura feita pelos Borges é a problemática que envolve “tradição” e “modernidade”. No tempo em que J. Borges, Joel Borges e Amaro Francisco ilustravam as capas dos folhetos de cordel, seus desenhos geralmente traduziam os títulos dos respectivos exemplares. Resguardadas as especificidades históricas, o mesmo fenômeno ocorria na *bibliothèque bleue* da França seiscentista. Consumidos pelas



classes subalternas, os livretos traziam na primeira página “uma imagem-símbolo [que representava seu] próprio título” (Chartier 1990:179). Seria, por isso, o passado da xilogravura bezerrense mais “tradicional”, dada a “continuidade” com o passado? Nos últimos quinze anos, as impressões dos Borges ficaram completamente independentes dos folhetos de cordel, podendo ser encontradas, por exemplo, em camisas, azulejos, bolsas e caixas. Seria isto “degeneração”? Acredito que sejam simplistas as perspectivas essencialistas que forjam perguntas desse tipo.



Em uma pequena autobiografia, J. Borges desenvolveu uma série de máximas. Em uma delas, o mestre afirma que “a tarde sempre traz a lembrança de um caminho percorrido” (s/d:36). Nesse sentido, a xilogravura de Bezerros também vem construindo sua própria trajetória. Neste instante da jornada, acionar sua memória (coletiva ou individual) permitiu que nos deparássemos com esquecimentos, escolhas, reinvenções e reelaborações (Nora, 1993). A partir dessa perspectiva, é impossível encontrar a “origem” da “verdadeira” e mais “típica” xilogravura bezerrense. Apesar disso,

as mudanças experimentadas pela arte dos Borges também relativizam a ideia de que o “moderno” tende, acima de tudo, a destruir o “antigo” (Le Goff, 1996:197). Portanto, a xilogravura hoje feita em Bezerros é muito mais do que continuidade “purista” ou fruto da “degeneração” do que é considerado tradicional. Ela é plural, pujante e peculiar.

BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, Antonio A. *O trabalho e fala: estudo antropológico sobre os folhetos de cordel*. Campinas: Kairos, 1982.
- BORGES, José Francisco Borges. *J. Borges, seu perfil*. [s.l.: s.n., 19--].
- CARVALHO, Gilmar de. *Madeira matriz: cultura e memória*. São Paulo: Annablume, 1999.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. (Dúvida: A DIFEL está localizada em São Paulo. Existe também uma edição de 1990 publicada no Rio de Janeiro pela Bertrand Brasil)
- LIMA, Ricardo Gomes (Org.). *Engenho e arte populares*. Texto de Gilmar de Carvalho. Rio de Janeiro: Funarte, CFCP, 1997. (Sala do Artista Popular; 70).

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

MAC CORD, Marcelo. *Andaimos, casacas, tijolos e livros: uma associação de artífices no Recife, 1836-1880*. Tese (Doutorado em História) – Unicamp, Campinas, 2009.

WALDECK, Guacira (Org.). *Manuel Eudócio, patrimônio vivo*. Rio de Janeiro: Iphan, CNFCP, 2005. (Sala do Artista Popular; 126).

MOSCA, Dulce Lugo Nogueira. Matriz da intuição. *Concinnitas*. Rio de Janeiro: UERJ, n. 2, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*. São Paulo: PUC, n. 10, 1993.

PEREIRA, Miriam Halpern. Artesãos, operários e o liberalismo: dos privilégios corporativos para o direito ao trabalho (1820-1840). *Ler História*. Lisboa: ISCTE, n. 14, 1988.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*. Campinas: Unicamp, 1999.

SOUTO MAIOR, Ronaldo J. *Bezerros, seus fatos e sua gente*. Recife: Ed. do Autor, 2005. v. 1.

NOTAS

1 Por “irmandade embandeirada” entende-se a correspondência mais direta entre irmandades leigas católicas e corporações de ofício, que foi algo muito comum no final do Antigo Regime (Pereira, 1988:46-48). “No início dos tempos modernos as corporações de ofício representavam uma importante forma de proteção e defesa do trabalho, unindo artesãos dos mais diversos ofícios” (Martins, 2008:22).

2 Dulce Lugo Nogueira Mosca afirma que J. Borges e Dila são dois grandes nomes da “Escola Pernambucana” de gravura, que tem sua sede na cidade de Caruaru (1999:354). “A gravura pernambucana apresenta um traço claro, preciso, sem a presença de detalhes supérfluos. O traço concentra-se na figura principal, dispensando figuras secundárias ou elementos para compor o fundo do trabalho. Há um contraste forte entre o negro da figura e o branco do fundo” (*Idem*:353). Outro importante grupo de gravadores concentra-se na “Escola Cearense” (*Ibidem*:350). Para um aprofundamento deste último, ver: CARVALHO, Gilmar de. *Madeira matriz: cultura e memória*. São Paulo: Annablume, 1999. Para quem deseja conhecer maiores detalhes sobre a poesia popular nordestina, ver: ARANTES, Antonio A. *O trabalho e fala: estudo antropológico sobre os folhetos de cordel*. Campinas: Editora Kairos/Funcamp, 1982.

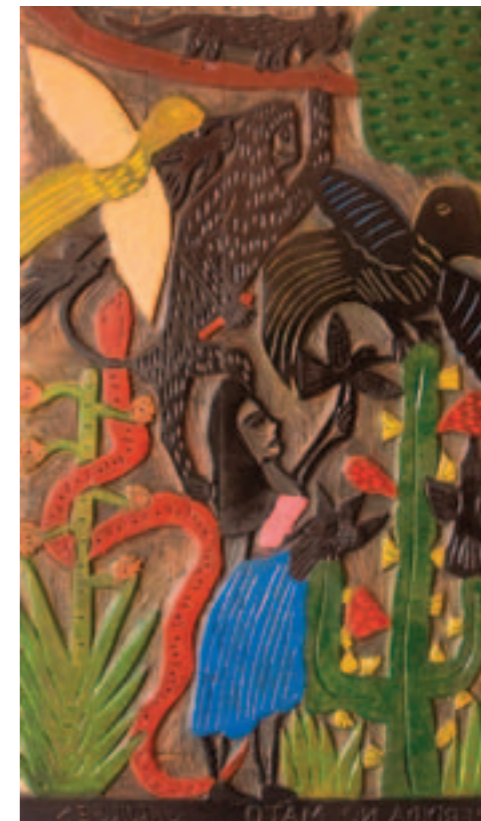
3 *Engenho e Arte populares*/texto de Gilmar de Carvalho; organização de Ricardo Gomes Lima. Rio de Janeiro: Funarte/CNFCP, 1997, Sala do Artista Popular, n. 70, p. 11.

4 O Alto do Moura, importante centro das artes figurativas pernambucanas, fica a 7km do centro de Caruaru. “De acordo com Severino Barbosa, presidente da Associação de Artesãos em Barro e Moradores do Alto do Moura, fundada em 1981, todos os artesãos – sua estimativa são 400 em

atividade – deixaram a feira [de Caruaru] para trabalhar e atender aos turistas que visitam o bairro”. *Manuel Eudócio, patrimônio vivo*/pesquisa e texto de Guacira Waldeck. Rio de Janeiro: Iphan/CNFCP, 2005, Sala do Artista Popular, n. 126, pp. 13-14.

5 Junto dos xilógrafos de Bezerros, as ações da Comunidade Solidária capacitaram aprendizes e possibilitaram “a criação de um grupo de produção e pesquisa de novos produtos”. Disponível em: <<http://www.artesol.org.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2009.

6 Disponível em: <<http://www.bezerros.pe.gov.br>>. Acesso em 20 de setembro de 2009.



CONTATOS PARA COMERCIALIZAÇÃO

SALA DO ARTISTA POPULAR | CNFCP

Rua do Catete, 179 (metrô Catete)
Rio de Janeiro - RJ cep 22220-000
tel (21) 2285.0441 | 2285.0891
fax (21) 2205.0090
mercado.folclore@iphan.gov.br | www.cnfcp.gov.br

J. BORGES

Memorial J. Borges
Avenida Major Aprígio da Fonseca, 420 (Rodovia BR-232)
Bezerros – PE
tel (81) 3728.0364 | 8839.0373

GIVANILDO

Ateliê Imaginário Nordestino
Avenida Major Aprígio da Fonseca, S/N – Cohab
(Rodovia BR-232)
Bezerros – PE
tel (81) 9625.1406 | 8700.4312
givanildoxilogravuras@hotmail.com

J. MIGUEL

Casa de Cultura Serra Negra
Avenida Major Aprígio da Fonseca, 420 (Rodovia BR-232)
Bezerros – PE
tel (81) 3728.0890 | 9936.1336

MANASSÉS BORGES

Ateliê Arte da Xilogravura
Avenida Major Aprígio da Fonseca, 890 (Rodovia BR-232)
Bezerros – PE
tel (81) 3728-1430 | 9214-0434 | 9214-0410

NENA BORGES

Rua José Rufino Bezerra Lia, 135 – São José
Bezerros – PE
tel (81) 3728.0467

IVAN BORGES

Rua José Pessoa Sobrinho, 306 – São Pedro
Bezerros – PE
Tel.: (81) 8753-7102

apoio

Centro de Artesanato
de FERNAMBUCO

parceria institucional
e apoio financeiro



realização



INSTITUTO DE
ARTES E OFÍCIOS DE
PERNAMBUCO



Dep. de Patrimônio Imaterial

Cultura
Promoart





RIO DE JANEIRO 5 | NOVEMBRO → 6 | DEZEMBRO | 2009
MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE
E CULTURA POPULAR | MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO